



S. José

o santo
dos sem-nome,
dos sem-poder
e dos operários

PARALELAMENTE AOS QUATRO EVANGELHOS (Mateus, Marcos, Lucas e João), que representam a inteligência da fé, pois são verdadeiras teologias acerca da figura de Jesus, existe uma vasta literatura apócrifa (textos não reconhecidos oficialmente) a que se dá, também, o nome de evangelhos, como o Evangelho de Pedro, o Evangelho de Maria Madalena e a História de José, o Carpinteiro que iremos comentar em seguida. Não foram reconhecidos, oficialmente, por não se enquadrarem na ortodoxia então dominante no século II e III, quando a maioria deles surgiu. Obedecem à lógica do imaginário, e preenchem o vazio de informações dos evangelhos, especialmente acerca da vida oculta de Jesus. Mas tiveram grande importância para a arte, especialmente na Renascença e, em geral, para a cultura popular. A própria teologia contemporânea valoriza-os com novas hermenêuticas.

Este apócrifo, *A história de José, o carpinteiro* (edição da Vozes, 1990), é rico em informações sobre Jesus e José. Na verdade, trata-se de uma longa narrativa de Jesus sobre o seu pai José, feita aos apóstolos. Jesus começa assim: “Agora escutai: vou narrar-vos a vida de meu pai José, o bendito ancião carpinteiro”.

Em seguida, Jesus conta que José era um carpinteiro, viúvo, com seis filhos, quatro homens (Tiago, José, Simão e Judas) e duas mulheres (Lísia e Lídia). “Este José é meu pai segundo a carne, que se uniu, como consorte, com minha mãe Maria.”

Narra, depois, a perturbação de José ao deparar com Maria grávida, sem a sua participação. Narra, também, o nascimento de Jesus em Belém, a fuga para o Egito e a volta à Galileia. E termina com estas palavras: “Meu pai José, o ancião bendito, continuou a exercer a profissão de carpinteiro e, deste modo, com o trabalho das suas mãos, pudemos manter-nos. Jamais se poderá dizer que comeu o seu pão sem trabalhar”.

Referindo-se a si mesmo, Jesus afirma: “Quanto a mim, chamava a Maria ‘minha mãe’ e a José ‘meu pai’. Obedecia-lhes em tudo o que me ordenavam, sem me atrever, jamais, a replicar-lhes com uma palavra sequer. Pelo contrário, dedicava-lhes sempre muito carinho”.

Continuando, Jesus conta que José casou, pela primeira vez, quando tinha quarenta anos. Permaneceu casado durante quarenta e nove anos, até à morte da esposa. Tinha então, portanto, oitenta e nove anos. Ficou viúvo um ano. Depois dos esponsais com Maria até ao nascimento de Jesus, ter-se-ão passado três anos. José teria, pois, noventa e três anos. Ficou com Maria dezoito anos. Tudo somado, terá morrido com cento e onze anos.

Narra depois, pormenorizadamente, que o seu pai “perdeu a vontade de comer e de beber; começou a sentir menos capacidade para o desempenho do seu ofício” Ao aproximar-se a hora da morte, José lamenta-se proferindo onze ais. Nesse momento

Jesus entra no seu aposento e revela-se um grande consolador. Diz: “Salve, José, meu querido pai, ancião bondoso e bendito”. Ao que José responde: “Salve, mil vezes, querido filho. Ao ouvir a tua voz, a minha alma recobrou a sua tranquilidade”. Em seguida, José recorda momentos da sua vida com Maria e com Jesus, referindo, até, o facto de lhe “terem puxado as orelhas e o terem admoestado: ‘sê prudente, meu filho’ porque na escola eu costumava fazer traquinices e provocava o rabino.

Jesus, então, confidencia: “Quando o meu pai pronunciou estas palavras, não pude conter as lágrimas e comecei a chorar, vendo que a morte ia tomando conta dele. “Eu, meus queridos apóstolos, fiquei à sua cabeceira, e a minha mãe a seus pés...por muito tempo segurei nas suas mãos e nos seus pés. Ele olhava-me, suplicando que não o abandonássemos. Pus a minha mão sobre o seu peito e senti que a sua alma já subira à garganta, pronta a deixar o corpo.”

Vendo que a morte demorava a vir, Jesus dirigiu-se ao Pai numa oração cheia de força: “Pai misericordioso, Pai da verdade, olho que vê e ouvido que escuta, escuta-me: Sou teu filho querido; peço-te por meu pai José, obra das tuas mãos... Sê misericordioso para com a alma do meu pai José, quando for repousar em tuas mãos, pois é esse o momento em que mais necessita da tua misericórdia”. “Depois deu o último suspiro e eu beijei-o; debrucei-me sobre o corpo de meu pai José...fechei-lhe os olhos e a boca, e levantei-me para o contemplar”. José acabara de falecer.

Jesus confidencia aos apóstolos que no enterro “não me contive e lancei-me sobre o seu corpo chorando longamente”. Termina com um balanço da vida de seu pai José:

“A sua vida foi de cento e onze anos. Ao fim de tanto tempo, não tinha um só dente cariado, e a sua visão não enfraquecera. Toda a sua aparência era semelhante à de uma criança. Nunca sofreu

qualquer indisposição física. Trabalhou, continuamente, no seu ofício de carpinteiro até ao dia em que lhe sobreveio a enfermidade que o levaria à sepultura”.

Ao encerrar o seu relato, Jesus deixa o seguinte mandato: “Quando fordes revestidos da minha força e receberdes o Espírito Paráclito e fordes enviados a pregar o evangelho, pregai, também, a respeito de meu querido pai José”. O livro que escrevi sobre São José e que me custou vinte anos de pesquisa, inclusive na Rússia, pretendeu responder a esta recomendação de Jesus.

A bem da verdade, José permaneceu quase esquecido pela Igreja oficial. O povo, porém, conservou a sua memória, dando o seu nome aos filhos, a cidades, a escolas e a ruas. Ele é o símbolo dos sem-nome, dos sem-poder, dos operários e da Igreja dos anónimos.

LEONARDO BOFF

é teólogo e escreveu o livro *São José, a personificação do Pai*, Vozes 2005.



Nossa Senhora das cerejas | Federico Barocci (1528-1612)

as cerejas de S. José

FEDERICO BAROCCI, nascido na atual Itália no ano de 1535, foi uma das figuras que expressou a corrente artística que será denominada, de maneira subtilmente depreciativa, de “maneirismo”. Na verdade, a tela que proponho atesta o apuro deste estilo, que sabe criar um encanto paisagístico em cujo interior respira livremente uma doce atmosfera familiar.

O motivo desta pintura está indiretamente ligado ao Evangelho de Mateus. Nele, com efeito, faz-se referência à advertência angélica dirigida a José para se transferir para o Egito, para evitar ao Menino o massacre que Herodes tinha ordenado para os recém-nascidos de Belém: «José levantou-se de noite, tomou o menino e sua

mãe e partiu para o Egito, permanecendo ali até à morte de Herodes».

Serão os evangelhos apócrifos a constelar de acontecimentos felizes e prodigiosos a viagem da família refugiada, e Barocci refere-se a este repertório imagético através do seu quadro de 1,33 x 1,10 metros, pontuado por múltiplos aspetos poéticos e simbólicos. Antes de tudo está ela,

a delicada e graciosa Maria, colhida num gesto quotidiano como o de extrair água de um regato com uma pequena taça; absorta no seu ato, parece na sua compostura quase ritual aludir, através do seu gesto, à concha com que João Batista recolherá a água batismal do Jordão e a derramará sobre a cabeça de Cristo.

Mas, em segundo plano, como compete à sua função de pai somente legal, está também José, que da árvore arranca um ramo de cerejas de cor vermelho-rubi, precisamente como o sangue que Cristo derramará na cruz, e o estende ao pequeno sorridente e alegre, que estende a sua mãozinha, guloso como qualquer criança. É por este particular pitoresco que a tela é popularmente conhecida como a “Nossa Senhora das cerejas”.

Por fim, há um quarto ator, afastado em relação à Santa Família: é o modesto burrico, que volta a sua cabeça para contemplar a cena, consciente de participar como intermediário material da salvação, mas também como prefiguração daquele burro – que era a montada dos reis em tempo de paz – destinado a sustentar Cristo durante a sua entrada triunfal em Jerusalém, no limiar da última semana da sua vida terrena.

Sob esta pacífica e deliciosa cenografia de

uma experiência familiar quotidiana, o pintor consegue estender um anagrama simbólico respeitante à figura divina de Cristo. É, provavelmente, por isso que também aquele pão que desponta do alforge dos três refugiados, colocado aos pés de Maria, pode elevar-se até a um aceno eucarístico.

Mais uma vez se confirma que a Bíblia permanece o grande léxico iconográfico – para usar uma locução do poeta francês Paul Claudel – que durante séculos foi desfolhado pelos artistas.

Card. GIANFRANCO RAVASI
Presidente do Conselho Pontifício da
Cultura | In *Le meraviglie dei Musei
Vaticani*, ed. Mondadori | Imagem:
"Nossa Senhora das cerejas" (det.) |
Federico Barocci | Museus do
Vaticano | Publicado em 11.12.2020

a profecia do silêncio

S E NA NOSSA SOCIEDADE «O HOMEM SE TORNOU UM APÊNDICE DO BARULHO» (Max Picard), é faz-se cada vez mais urgente a exigência de que cada pessoa reencontre a sua humanidade através da redescoberta do silêncio e a aprendizagem da antiquíssima arte de “escutar o silêncio”. Tarefa que decerto não é simples, se já Heraclito definia os seus semelhantes como «incapazes de escutar e de falar». Desde então talvez tenhamos a impressão de ter dado passos em frente na capacidade de falar, mas quanto à escuta parece que voltamos séculos para trás. Precisamos de uma pedagogia da escuta, que só pode começar do silêncio. Sim, «escutar o silêncio» pode parecer uma incongruência, mas é antes a chave que abre o mundo da escuta autêntica e da compreensão daquilo que se sente.

A tradição espiritual não só cristã reconheceu sempre a essencialidade do silêncio para uma vida interior autêntica. «A oração – disse Savonarola – tem por pai o silêncio e por mãe a solidão.» Só o silêncio, com efeito, torna possível a escuta, que é o acolhimento em si não só da palavra pronunciada, mas também da presença daquele que fala. O silêncio é linguagem de amor, de profundidade, de presença ao outro. De resto, na experiência amorosa o silêncio é muitas vezes linguagem muito mais eloquente, intensa e comunicativa do que as palavras.

Infelizmente hoje o silêncio é raro, é talvez a realidade que mais está ausente nos nossos dias: somos bombardeados por mensagens sonoras e visuais, os ruídos roubam-nos da nossa interioridade, e as próprias palavras ficam empobrecidas por serem gritadas, reduzidas a slogans ou invetivas. Ora, «quando diminui o prestígio da linguagem, aumenta o do silêncio» (Susan Sontag). Devemos confessá-lo: precisamos do silêncio! É-nos necessário de um ponto de vista estritamente antropológico, porque o homem, que é um ser de relação, comunica de maneira equilibrada e significativa apenas graças à harmoniosa relação entre palavra e silêncio.

O silêncio abre no nosso ser profundo um espaço para o fazer habitar a alteridade, para fazer ressoar a palavra e, ao mesmo tempo, dispõe-nos à escuta inteligente, ao falar comedido, ao discernimento daquilo que arde no coração do outro e que está oculto no silêncio de onde nascem as suas palavras. O silêncio, então, esse silêncio, suscita em nós a caridade, o amor do irmão

Mas precisamos do silêncio também do ponto de vista espiritual. Para a fé judaica e cristã, o silêncio é uma dimensão teológica: no monte Horeb, o profeta Elias percebe que está na presença de Deus não no troar ensurdecedor de ventos, trovões ou terremotos, mas só quando escutou «o murmúrio de uma brisa suave». Inácio de Antioquia dirá que Cristo é «a Palavra que procede do silêncio». Não se trata simplesmente de se abster de falar ou da ausência de ruídos, mas do silêncio interior, essa dimensão que nos restitui a nós próprios, que nos situa no plano do ser, diante do

essencial.

«No silêncio é intrínseco um maravilhoso poder de observação, de clarificação, de concentração sobre coisas essenciais»

(Dietrich Bonhoeffer). O silêncio é protetor da interioridade enquanto nos conduz de uma dimensão primária e “negativa” de sobriedade, disciplina no falar ou até de abstenção de palavras, para um nível mais profundo, de intensa vida espiritual, ao fazer calar os pensamentos, as imagens, as rebeliões, os juízos, as murmurações que nascem no coração. É o difícil silêncio interior, que encontra o seu âmbito vital no coração, lugar da luta espiritual. Um silêncio profundo que gera a atenção, o acolhimento, a empatia em relação ao outro.

O silêncio abre no nosso ser profundo um espaço para o fazer habitar a alteridade, para fazer ressoar a palavra e, ao mesmo tempo, dispõe-nos à escuta inteligente, ao falar comedido, ao discernimento daquilo que arde no coração do outro e que está oculto no silêncio de onde nascem as suas palavras. O silêncio, então, esse silêncio, suscita em nós a caridade, o amor do irmão. Para o cristão, a referência à escuta obediente da Palavra de Deus, ao acolhimento do Verbo feito carne, é evidente e extremamente eloquente. Não por acaso é este o silêncio que chega até nós de uma longa história espiritual: é o silêncio procurado e praticado pelos hesicastas para obter a unificação do coração, o silêncio da tradição monástica para o acolhimento em si da Palavra de Deus, o silêncio da oração de adoração da presença de Deus.



Mas é também o silêncio caro aos místicos de toda a tradição religiosa e, ainda antes, é o silêncio de que está imbuída a linguagem poética, o silêncio que

constitui a matéria da música, o silêncio essencial para cada ato comunicativo. O silêncio, acontecimento de profundidade e de unificação, torna o corpo eloquente, conduzindo-nos a habitar o nosso corpo, a alimentar a nossa vida interior, guiando-nos para esse habitar consigo mesmo tão precioso para a tradição monástica como para a filosófica. O corpo habitado pelo silêncio torna-se revelação da pessoa toda.

Tentemos, então, extrair no ritmo do nosso viver um tempo para escutar o silêncio: conseguiremos colher os esforços feitos para o criar e proteger, discernir os sons imperceptíveis da presença de outras criaturas próximas de nós, compreender o não-dito que habita a grande quantidade das palavras, ter inteligência do que acontece - isto é, literalmente, "ler por dentro" os acontecimentos - e, finalmente, também escutar melhor a nós mesmos e aos outros quando falam ao nosso coração e à nossa mente, e não só aos nossos ouvidos.

ENZO BIANCHI

In Monastero di Bose / Trad.: Rui Jorge Martins / Imagem: franz12/Bigstock.com / Publicado em 12.04.2021.

Conselhos de José



Volta a olhar o tempo com inocência, como uma tarefa que as crianças conhecem melhor que tu.

Aprende a procurar a sabedoria como quem constrói uma ponte quando seria mais fácil a distância.

Aprende a elogiar a vida, que é sempre a oportunidade mais bela, em vez de a desvalorizar com desencorajamentos e lamúrias.

Aprende a transformar, no teu quotidiano, a hostilidade em hospitalidade fraterna.

Não de detenhas a condenar a obscuridade: acende no centro da vida uma estrela que dança.

Compreende que a tua é condição de guardião e não de dono, e que isto te requer, a cada instante, a disponibilidade a um amor sem cálculos nem desgastes.

Exercita a arte de permanecer com humildade ao lado dos teus semelhantes, cuidando deles com dedicação, mas sem protagonismos, sem forçar os outros a nada, mas esperando por eles com delicadeza, servindo-lhes de corrimão.

Confia na verdade dos gestos essenciais, na força destas coisas de nada que depois são quase tudo.

Que o mundo nunca te apareça como um lugar indiferente.

Que a concreta presença do amor de Deus te ilumine e faça de ti a maravilhosa transparência em que este amor se contempla.

Que a tua oração de Advento seja o irresistível desejo que faz gritar à alma: «Vem!».